

## A JUREMA TOMBADA: MEMÓRIAS DE UMA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Luiz Francisco da Silva Junior  
Mestrando em História – UFCG  
lfsj-pb@hotmail.com

Orientadora: Rosilene Dias Montenegro  
Doutora em História – UNICAMP

Era 20 de junho de 2009, uma manhã de sol quente típica do litoral paraibano, quando de repente as ruas da pequena cidade de Alhandra, são invadidas por uma passeata que quebra com a cansativa rotina do lugarejo. Intitulada “passeata da paz”, era uma manifestação em defesa de uma árvore, a jurema, que para os que estavam ali neste protesto, não se tratava simplesmente da defesa de uma árvore, mas de suas crenças, pois a jurema carrega consigo um simbolismo sagrado, de uma religião que viria desde os índios, depois se misturando com os negros. Teria sido ali, em Alhandra, que haveria surgido a força da jurema sagrada, da ciência da jurema, para aqueles que professam esta fé, fazendo com que a cidade fosse fortemente marcada com a identidade de “cidade jurema”.

Os participantes, na sua maioria vindos de João Pessoa e Recife, antes mesmo de invadirem as ruas de Alhandra, fizeram sua primeira parada no memorial de Zezinho do Acais, um antigo mestre juremeiro que teria falecido as margens da estrada que vai para Alhandra. Ali num pequeno e simples memorial, construído para o citado mestre, fizeram oferendas, cantaram e dançaram para os mestres do além. Depois descendo um pouco mais a mesma estrada, fizeram a segunda parada, desta vez, no túmulo do Mestre Flósculo Guimarães<sup>1</sup>, atrás de uma capela dedicada a São João Batista. Lá se repete todo o ritual, as oferendas, cantam-se os pontos, e dança-se ao som dos tambores.

Saindo do túmulo do mestre Flósculo, atravessaram a pista, e exatamente do outro lado, agora de frente a capela, seguiram para a terceira atividade desta manhã, dançar, cantar e fazer as oferendas e homenagens a mais conhecida mestra juremeira da cidade de Alhandra, a mestra Maria do Acais. Ali naquele exato local onde se encontravam, nas terras do Acais, as margens da estrada distando apenas cerca de 5

---

<sup>1</sup> Flósculo é um dos conhecidos e respeitado mestre da jurema sagrada de Alhandra, seu túmulo é marcado por um troco de jurema e é muito visitado pelos juremeiros.

minutos da sede do município, teria morado uma geração de mestres conhecedores da ciência da jurema e dos seus segredos, entre os mestres desta família destacava-se justamente a Maria do Acais. Assim que atravessaram a pista, os juremeiros deram logo de vista com as ruínas da casa onde teria morado Maria do Acais e toda sua geração, da casa restava apenas algumas paredes laterais e a fachada da frente que estava intacta, ostentando ainda a seguinte inscrição: “1923: vila Maria Guimarães”. Todo o restante da casa teria sido destruída pela ação do tempo e do abandono.

Atrás da casa, existia um sítio bonito e muito bem arborizado, jaqueiras enormes, mangueiras centenárias, cultivava entre tantas outras espécies botânicas, a *mimosa tenuiflora*, ou simplesmente, jurema sagrada. Foi ali em baixo da jurema de Maria do Acais, talvez o lugar considerado mais sagrado para os juremeiros, que fizeram todas as suas majestosas homenagens aos mestres e pediam forças para a luta na defesa da jurema.

Saindo do Acais, já no fim da manhã, o sol a todo tino, foram para Alhandra, alguns em um ônibus locado só para ocasião, outros em carros particulares. Chegando à entrada da cidade, todos desceram e a pé invadiram as ruas do município, atraindo os olhares dos moradores que desavisados pareciam não entender o que acontecia. Todas aquelas mulheres com seus trajes típicos dos cultos afro-indígenas, os homens todos de branco e crianças que também estavam vestidas para ocasião. Eles não eram muitos, no máximo um grupo de cem pessoas, mas ali roubavam a cena, os olhares agora eram para eles que foram aos poucos avançando pelas principais ruas da cidade. No meio dos juremeiros, um carro de som anunciava a passagem da passeata, com músicas de jurema, intercaladas com momentos de falas em que o Pai Beto<sup>2</sup> animava a caminhada, explicando o motivo do manifesto: defender a jurema, que estava ameaçada de tombar, de cair, de ser exterminada pela força de um machado ou serra elétrica.

Ao observar os juremeiros, os moradores curiosos, podiam ainda ler as faixas que eram por eles carregadas, as quais diziam: “Salve os pés de jurema da mestra Jardecilha”; “O Acais vive! Juremeiros na luta”; “Alhandra, o berço mundial da jurema sagrada!”; “Salve os mestres e as mestras da jurema sagrada!”. “Pai Beto de xangô, o

---

<sup>2</sup> Pai Beto presidente da FCP UMCANJU (Federação Cultural Paraibana de Umbanda, candomblé e Jurema), este se auto-intitula como o guardião da jurema sagrada.

guardião da jurema sagrada!!!”. Todas as faixas eram assinadas pela sigla, FCP UMCANJU (Federação cultural paraibana de Umbanda, Candomblé e Jurema).

O destino dos juremeiros caminhantes, era chegar a um endereço que até o início da década de 1980, era muito conhecido e freqüentado, o terreiro da mestra Jardecilha, que fica próximo ao centro da cidade. Debaixo do sol escaldante já se aproximando o meio dia, os juremeiros chegam a rua Manuel Guedes, o endereço da falecida Mestra, chegando em frente a casa que era por ela habitada até antes de sua morte. Os juremeiros fizeram ali alguns discursos, defendendo a jurema com falas inflamadas e emocionantes, denunciavam uma possível derrubada da jurema da mestra Jardecilha, pelos parentes que agora eram evangélicos, sendo a única defensora a filha que mora na casa onde atrás ainda é possível ser visto alguns pés de jurema, uns da época da mestra, outros mais novos.

Terminado os discursos, os juremeiros partiram para a última atividade daquela manhã agitada, foram para baixo dos pés de jurema da Mestra Jardecilha. Entrando pela lateral da casa, foram aos poucos enchendo o pequeno quintal onde encontraram uma sala, na parede da frente se podia ler: “Templo espírita de jurema Mestra Jardecilha”, e foi em frente a esta sala (templo) que os juremeiros começaram a se espremer no pouco espaço, eles ficavam em torno de um cruzeiro que fica no meio do quintal, este que detinha a seguinte inscrição: “Deus salve o cruzeiro dos senhores mestres da jurema sagrada deste templo”. Finalmente o calor insuportável que tinham sido obrigados a suportar durante toda a caminhada, era aliviado pela sombra das inúmeras juremas espalhadas pelo quintal. E foi aí que os juremeiros repetiram todo o ritual de oferendas de frutas e flores, de músicas, orações, danças ao som de tambores. E depois de terminado, voltaram para onde vieram, devolvendo para Alhandra a antiga rotina de uma cidade de interior.

### **Uma cidade, uma árvore: o sagrado e o diabólico em uma luta pela preservação versus destruição**

Este protesto dos juremeiros em Alhandra pode ser compreendido a partir da própria história do município. Encravado no litoral sul da Paraíba, sempre foi afamado por ser um reduto de grandes mestres da jurema, mestres catimbozeiros, que ganharam fama por todo o país. Para os juremeiros, Alhandra figura como sendo o berço de toda a

cultura da jurema, sendo ali onde teria surgido toda a ciência desta religião que conserva a priori uma tradição indígena, como também elementos da cultura afro, e com o avanço da colonização portuguesa, ganha ainda muito da cultura cristã. Como relata uma juremeira: “... Alhandra é a cidade mundial da jurema [...] Alhandra é pra o juremeiro o berço, é a raiz, é de onde saiu nosso fundamento, então tudo começou em Alhandra.” (M. J., 2010).

A árvore da jurema, dentro de seu aspecto simbólico, em que: “[...] as suas raízes, suas sementes, a sua madeira, o lugar onde cresce ou simplesmente a palavra “jurema” (...) são de importância central no Catimbó do litoral sul da Paraíba.” (VANDEZANDE, 1975. p. 128). O Catimbó como também é conhecido o ritual da jurema, tem sua centralidade em torno desta árvore. Salles (2004) considera que o catimbó foi o tipo de culto que teria prevalecido em Alhandra até meados de 1970. Já Assunção (2006), por sua vez, afirma que em Alhandra se praticava o catimbó rural, que explica ele, ser caracterizado por uma experiência nas crenças e práticas, estando mais intimamente ligada a tradição indígena. Essa mesma referência faz Nascimento (1994): “Vamos mencionar um aspecto (...) que aponta para a existência, nesse “catimbó” mais próximo de tradições indígenas, na área rural paraibana (Alhandra)” (p. 132). E esse sistema simbólico da jurema, é bem complexo e rico, onde o mundo dos vivos e dos mortos se encontram:

[...] a planta “jurema” é possuidora de seres dotados de um “espírito” próprio, com a capacidade de comunicação e intervenção sobre os “problemas” que afligem os indivíduos. Além dessa concepção, é visível na diversidade da “jurema” encontrada em Alhandra a combinação de um conjunto de símbolos trazidos do catolicismo popular e da cultura africana, traduzidos nos elementos simbólicos das imagens de santos católicos, orações, búzios, melodias, maracás, flores, bebidas e na presença dos “espíritos” de índios, caboclos e mestres. (ASSUNÇÃO, 2006. p. 94)

Ao considerarmos a jurema como símbolo, tomamos o conceito antropológico de Geertz (1978, p. 105), que afirma ser o símbolo como tudo aquilo que serve de vínculo para uma concepção, sendo assim, a concepção é o próprio significado do símbolo. Para este autor, o símbolo ou o sistema simbólico é algo passível de formulação de noções, de abstrações de experiências, sendo ainda uma incorporação concreta de idéias, crenças, etc. Seguindo este caminho, é que reconhecemos a jurema com um símbolo ou mesmo um sistema simbólico, onde a planta assume dentro do

contexto daquele que acredita, um poder de cura e de contato com o mundo dos encantados. E Alhandra também figura neste contexto, como símbolo do sagrado, por ter sido a origem e o lugar de muitos conhecedores do segredo da jurema.

A cidade de Alhandra foi, então, construída sobre o signo e a identidade de “cidade jurema”, identidade esta que teria começado desde os índios Arataguís que pertenciam ao povo Tabajara. E, tendo resistido a evangelização católica, a jurema teria permanecido como traço principal da religiosidade do povo de Alhandra. De modo que, ser alhandrense era quase sinônimo de ser catimbozeiro, como eram chamados os antigos praticantes da jurema sagrada. Veja um relato de uma alhandrense:

Era 1981, aconteceu comigo uma vez, eu estava fazendo um tratamento lá no hospital universitário, lá de João Pessoa, e eu cheguei e sentei perto de uma senhora, e eu preocupada com a hora porque eu não poderia ficar muito tempo exposta ao Sol, aí eu ficava pedindo pro médico chegar logo e ele me atender, aí antes disso, a mulher disse assim: mas a senhora mora tão longe? E eu disse: moro, moro sim, da minha cidade pra chegar ao hospital é longe sim, pra o centro é mais perto, mais pra aqui é mais longe, aí a mulher disse: e você é de onde? Ai eu disse: eu sou de Alhandra, aí a mulher se benzeu e saiu de perto de mim, e ela não sentou mais perto de mim, na hora que o médico chamou, ele brincava muito comigo, eu tinha me recuperado muito do problema que eu estava com ele, ele foi e disse assim: como é que ta lá a sua terra juremeira? Aí ele riu, eu disse assim: mais o senhor tocou num assunto agora que eu vou lhe contar uma coisa, ele disse: o que foi? Aí eu disse: a senhora que estava ali agora pro senhor atender, ela saiu de perto de mim quando eu disse que morava em Alhandra, ela se benzeu toda e saiu de perto de mim, o médico começou a rir e disse: mas eu num acredito nessa historia não, aí eu disse: foi, mais isso tudo é besteira, isso é tudo ilusão... (G. P., 2009)

Esta imagem da identidade de Alhandra relacionada sempre a jurema, pelos relatos dos nossos entrevistados, parecia ser algo que realmente marcava os alhandrenses:

...quando você chegava num lugar e diziam assim, você é de onde? É de Alhandra, logo diziam: ave Maria aquela pessoa ali ó tenha cuidado, é de Alhandra, porque o pessoal se apegava muito nessas coisas [...] até em João Pessoa mesmo lá no médico, agora não, mais antes, se dissessem você mora aonde, em Alhandra, pronto, se você quisesse até passar na frente da fila você passava, porque pensava que todo mundo, qualquer pessoa que dissesse, moro em Alhandra, vivia nesse setor de catimbó, era assim, agora não, agora tudo mudou. (E. F., 2010)

Estes relatos são bastante comuns aos moradores de Alhandra:

Em Recife mesmo, uma vez eu tava numa compra e eu dizendo a minha irmã: olha cuida que eu quero pegar o ônibus pra Alhandra, aí a moça disse assim: a senhora mora em Alhandra? Aí eu disse: moro, e a moça disse: ave

Maria ali é terra de catimbozeiro né? Eu disse: num sei não, num sei informar não, eu sei que tem muito espírita por lá, agora se é catimbozeiro eu num sei não, aí a resposta que dei pra ela foi essa, entendeu... (A. G., 2009)

Alhandra figurou assim, durante muito tempo, com essa forte identidade de “cidade jurema”, até os anos de 1980. É claro que, parte considerável dos moradores da cidade nunca foram seguidores da jurema sagrada, mas todos conviviam de perto, todos sempre conheciam alguém que era praticante. Assim, a jurema ficou famosa por seus poderes de cura, e os mestres de Alhandra famosos por conhecerem os segredos da ciência da jurema. Uma das entrevistadas conta que sua avó tinha trabalhado na casa da Mestra Maria do Acais, e contava muitas histórias das curas desta mestra, das quais ela nos cita:

Minha avó contou um caso assim: Que estavam todos sentados na calçada, lá vem aquele carro, aí parou, ela (Maria do Acais) disse assim pra minha avó: olha Maria esse pessoal que ta chegando aqui, isso é uma briga de vizinho e ele vem pra eu fazer um trabalho pra matar o vizinho, mas eu não vou fazer isso, eu vou fazer o contrario, aí minha avó disse assim: tia Maroca (como muitos chamavam Maria do Acais) como é que a senhora sabe se a senhora nem baixou ainda o guia? E ela respondeu: não, num precisa baixar pra dizer não, quando o pessoal se aproximou dela, ai ela fez assim, eu queria falar com Maria do Acais, aí ela disse: você esta falando com ela, o que você veio fazer eu não faço, o que você veio me pedir pra fazer eu não faço, volte e vá se reconciliar que isso foi uma inveja muito grande na vida de vocês, vocês são uns vizinhos unidos e vão continuar unidos e eu quero que você venha aqui com ele porque quando chegar aqui aí eu vou conversar tudo. O homem voltou um pouco triste e foi embora e quando foi com poucos dias aí minha avó falou que vieram as famílias toda pra lá, ela fez o banquete e ficaram todos amigos, não precisou de confusão nenhuma. (G. P., 2009)

Um outro relato nos foi narrado por uma senhora que trabalhou na década de 1960 no posto de saúde do pequeno município, mesmo com muito cuidado, e querendo deixar claro que nunca se envolveu com os trabalhos da jurema, ela contou que ao ir fazer um tratamento na mulher de um dos mestres da jurema (tentando justificar a sua presença no local), o mestre Cesário, ela teria presenciado o seguinte acontecimento:

Eu tinha ido lá fazer um tratamento na esposa dele, ai quando era mais ou menos umas 2:30 pras 3:00 horas da tarde eu tava no sitio, sentada num banco, chupando manga que lá é um sitio de manga né, aí nisso chegou um carro, parou em frente a casa, e perguntou por ele, a esposa dele disse que ele tava lá dentro, ai levaram o pessoal pra lá, nisso eu vi quando uma moça chegou amarrada com uma corda, ela num queria entrar de jeito nenhum, mas o mestre Cesário disse a eles: solte ela, desamarre ela, aí um homem disse assim: eu num solto não porque se não ela corre, aí ele disse: não, corre não, e ele entrou. Quando ele entrou, eu fiquei na minha posição onde eu estava, chupando a minha manga e conversando com a esposa dele, depois com um

espaço assim de uma hora, ela saiu boa, boa, parecia que não tinha havido nada, aí só fez pegar o carro, ela era das banda de Sapé, ou era Campina Grande, e graças a Deus a moça saiu boa, agora num sei se ela pagou a ele ou não, sei que ela saiu boa. (A. G., 2009)

Estas e muitas outras histórias são contadas por muitos na cidade, particularmente são histórias de pessoas chegando amarradas, violentas, e em seguida saindo curadas, tranquilas. Estas pessoas estariam com espíritos, ou seriam consideradas loucas. Estas histórias, presentes na memória coletiva dos moradores mais antigos do município, mostram como o poder e a fama dos grandes mestres da jurema de Alhandra iam longe.

Por outro lado, muitos moradores rejeitam essas memórias, considerando que na verdade a jurema é do mal, que os catimbozeiros ou juremeiros são diabólicos, uma das entrevistadas relata de forma enfática que:

“... A jurema era vista como uma coisa do mal, diabólico, diziam assim: não passe por perto, não fale com aquela criatura que ela vai lhe fazer um mal, vai dizer foi fulano, aí a pessoa aparecia doente com algum problema, assim que ia pro médico e não dava jeito, aí diziam que isso foi um catimbó que fizeram pra você...” (G. P., 2009)

A jurema figurava assim, entre os dois pólos: de símbolo sagrado para os juremeiros, e como símbolo do mal, diabólico para os cristãos, católicos e evangélicos. Com o passar dos anos de 1980, adentrando a década de 1990, a jurema passa a ganhar muito mais força como símbolo do diabólico no imaginário dos alhandrenses, de modo que se começa fortemente uma rejeição da identidade de “cidade jurema” pelos moradores do município. Os anos de 1990 e 2000 foram de grande crescimento das igrejas evangélicas na cidade, uma vez que muitos juremeiros começaram a se converter, e de seguidores da jurema passaram a ser perseguidores.

Assim, as últimas décadas foram de grande desvalorização da cultura da jurema, não apenas pelos evangélicos, mas também pelos católicos. A cada dia a jurema parecia ter ficado no passado, sobre isso nos relatou uma senhora católica que tenta explicar o motivo de ter diminuído de forma considerável a crença e a prática do culto da jurema em Alhandra:

Olha depois que os padres, que a igreja começou a divulgar o evangelho nas comunidades, juntar as comunidades, as coisas mudaram, e as pessoas estão mais conscientes, porque as pessoas não viam nem falar de Deus, só via na missa assim, nas pregação do padre, mas não é como hoje que a gente senta

numa turma e vai debater, vai discutir, é uma coisa mais aberta né, só segui o errado quem quer, cada um tem sua fé, por que se a gente tem dez filhos cada um tem um jeito de pensar, assim é Deus, esses filhos todos que Ele tem, cada um tem um jeito de pensar, agora nem por isso Ele deixa de amar, um pai de família... Um filho é errado, mas ele não deixa de amar o seu filho. Eu penso assim e Deus eu acho que é, se a gente é assim, imagina Deus que é bom, o filho pode ser errado, mas Ele não deixa de amar, porque é filho, qual o pai que não ama seu filho? Eu penso assim, que o amor de Deus é sem limite. (T. D., 2009)

Até a década de 1970, Alhandra não tinha nenhum padre permanente, de acordo com os relatos de muitos entrevistados. Antes disso os padres só apareciam para celebrar a missa uma vez por mês, e terminada a celebração já iam embora, sem ter nenhum contato com o povo. De modo que, como nos relatou a senhora acima, quando passou a existir uma presença maior dos padres com a comunidade, e isso teria ocorrido no final dos anos de 1970, o povo teria ficado mais esclarecido sobre o evangelho, se afastando da jurema. É interessante percebermos também, como ela constrói sua narrativa: "...que mesmo passando a ter mais consciência...", ou seja, estando mais esclarecidos no evangelho, muitos ainda insistiram em ir pelo caminho errado, que no caso seria a jurema, embora ela tenha falado isso com muito cuidado, mas é evidente que em sua fala a jurema é considerada como o caminho errado, do mal, mas que mesmo assim Deus ama estes filhos que seguiram o caminho errante.

Conversando com uma juremeira, ela demonstra indignação pelo descaso atual que vem se dando a jurema em Alhandra:

... a jurema é uma planta sagrada que Jesus deixou que Deus disse "te livra dos mares que eu te livro dos ares" e os crentes dizem assim, que é macumba, é do demônio, que vai matar, vai esfolar, é não, é não, que eu não conheci isso, eu não conheci isso, eu conheci porque Deus deixou, se Deus não tivesse deixado essa lei da jurema sagrada a gente não tava nela. (J. M., 2009)

O crescimento das igrejas evangélicas é um dos principais motivos que os juremeiros apontam para que a jurema esteja se acabando. Sendo significada como símbolo do mal pela igreja evangélica, esta que tem presença considerável desde a década de 1980, representada em Alhandra pela Igreja Assembléia de Deus. Com a maior presença, e hoje com uma igreja sede na rua principal da cidade, o próprio prédio ostenta um poder de uma igreja que cresceu muito, convertendo muitos juremeiros ao protestantismo.

Um de nossos entrevistados cresceu em um dos mais conhecidos terreiros de jurema de Alhandra, o da mestra Jardecilha, ele era sobrinho da citada mestra, e nos seus relatos disse estar sempre presente na sua adolescência no terreiro da tia, presenciando muitos dos trabalhos, porém, atualmente professa a fé evangélica, sendo membro da Assembléia de Deus. Vejamos um de seus relatos:

É, nós evangélicos nós queremos acabar, acabar de forma espiritualmente. Deus convertendo, a gente tem essa visão, que a gente diz, que nós temos o objetivo de Alhandra ser de Jesus, nesse aspecto aí, é o aspecto eu to falando como crente, como evangélico, nós trabalhamos, mas não trabalhamos de forma de massacrar, mesmo porque a gente não tem instrumento pra isso, nem eu concordaria, é pra o poder do conhecimento, do conhecimento da verdade da nossa concepção, eu tenho um ponto de vista que não poderia deixar de esclarecer, e meu ponto de vista [...] ainda vejo isso como feiticeiro, diabólico... (V. J., 2010)

Como percebemos, para os evangélicos, o desejo é que todos se convertam ao protestantismo, havendo o fim do culto da jurema. Pelo menos é o que fica bastante claro em vários relatos de uma comunidade do Orkut, onde foi aberto um fórum intitulado: “Alhandra não é mais a terra da jurema”. Entre os muitos que participaram do debate neste fórum virtual, podemos destacar a fala destes três evangélicos:

- A tradição nesse sentido é nossa inimiga, pois quem tem poder é Deus, o restante é pagação e mentira!!! Fé em Deus ele é mais e nunca falha!!!

- A galera acha que Alhandra ainda é a terra da jurema! Nunca mais, macumba aqui já era! Graças a Deus ele enviou o evangélico pra essa cidade, e que vai crescendo a cada dia. E agradeço a Deus por isso. Quem acha que aki ainda é a terra da macumba ta enganado porque Alhandra mudou, Alhandra agora é nossa!!!!

- Alhandra é do Senhor Jesus Cristo, tu ta amarrado sataná, aqui é fogo no cão.

([HTTP://www.orkut.com.br/Main#commMsgs?cmm=3089894&tid=2456446617285811708](http://www.orkut.com.br/Main#commMsgs?cmm=3089894&tid=2456446617285811708), acessado em 17- 12- 2009 as 10h00min)

Seguindo o raciocínio de Nogueira (2004, p. 77), historicamente falando, as práticas consideradas como magia sempre foram atribuídas, pela ortodoxia religiosa, como uma prática herética. Ele afirma que em pleno século XX estas práticas mágicas ainda são consideradas demoníacas pelo cristianismo, qualquer prática religiosa que foge dos padrões da ortodoxia crista é uma evidencia do próprio Anticristo. Podemos

assim justificar, que a jurema é sem dúvida, uma prática mágico-curativa, mesmo sendo significada tão negativamente pelos cristãos de Alhandra.

Esse simbolismo negativado, que tem crescido em torno do culto da jurema em Alhandra, tem uma participação ativa dos evangélicos neste processo. Mas, isso também tem trazido reflexos nos próprios juremeiros, que mesmo tendo pelo poder da lei brasileira liberdade de culto, demonstram vergonha e não se assumem, na maioria dos casos, enquanto juremeiros. Como nos narrou uma mãe de santo:

Que a maioria das pessoas tem vergonha, tem medo de dizer que é juremeiro, não assume que é juremeiro, então numa pesquisa do IBGE quando chega e pergunta qual sua religião? Sou católica, sou evangélica, ninguém diz que é juremeiro, e foi assim a jurema, os juremeiros antigos eram todos analfabetos e quando eu disse que a jurema foi passada, a jureminha assim ser oral porque não tinha quem escrever, então os filhos iam sendo criados ali, depois com a proibição, a policia bateu em cima, batia, matava, e aquela coisa todas as pessoas ficaram com medo, entã esse medo foi passando, do mesmo jeito, da ciência o medo foi passando de pai pra filho, então ninguém diz, hoje em dia é mais bonito, é mais bonito você dizer assim eu sou evangélica do que dizer eu sou juremeiro [...] você não vê juremeiros batendo de casa em casa, tentando levar a ciência pra aquela casa, pra aquelas famílias, mas o evangélico faz, ele vai, ele insiste, ele é insistente, eu acho que o que ta faltando é garra, falta garra no juremeiro, eu me considero, me considero uma guerreira, eu sou uma batalhadora só que um santo só não faz verão, então se os juremeiros [...] se conscientizasse mais, que tem que abrir a boca, que vestir a camisa, não é sair vestido de roupa de viro no meio da rua não, mais é agir como tal como juremeiro, pra curar, buscar a ciência, pesquisar pra isso hoje temos a internet que é um veiculo que tem um poder enorme na internet você encontra muita mentira, mais encontra muita coisa boa também, é só saber filtra, na internet você conhece pessoas, e um contato aqui, um contato ali, vai só juntando fazendo um grupo, e vamos se reunir, se reunir em uma cidade, na outra, não existe mais distancia hoje em dia porque tem avião. (M. J., 2010)

A árvore da jurema está assim marcada por um forte simbolismo, seja como uma planta sagrada, possuidora de espíritos que operam curas, onde os mestres conhecedores da ciência da jurema fazem seus trabalhos, e conseguiram tornar a cidade de Alhandra famosa pelos poderes da jurema sagrada, marcando a identidade coletiva dos alhandrenses de uma forma significativa com esta planta.

Por outro lado, a jurema também carrega o peso do símbolo do mal, principalmente pelos cristãos, católicos e evangélicos, que significam esta planta como diabólica, fazendo com que os próprios juremeiros passem a ter vergonha de assumir que são da jurema. Como podemos perceber pela fala da juremeira trazida acima, fazendo um protesto pela falta de empenho dos juremeiros em levar adiante sua fé. Por

fim ela fala da necessidade de união dos juremeiros para não deixar a ciência da jurema acabar.

É justamente neste ponto, a união dos juremeiros para não deixar morrer sua cultura e a sua fé, que voltamos para o início deste artigo, quando narramos àquela passeata, que justamente tratava de uma mobilização dos juremeiros em defesa da árvore sagrada, esta que estava ameaçada de ser derrubada. A passeata simboliza um marco, que diante de uma identidade ameaçada pela recusa dos cristãos ao título dado a Alhandra de “cidade jurema”, reivindicam o fim deste ritual, causando uma reação dos juremeiros em defesa da jurema. Eles passam a afirmar e defender a identidade de jurema para Alhandra, como também da própria árvore ameaçada, reivindicando no lugar do tombo/queda desta planta o seu tombamento enquanto patrimônio da cidade.

### **A natureza sagrada destruída: a jurema tomba e é tombada**

É comum a referência da existência em Alhandra das chamadas “cidades de jurema” ou ainda “cidade dos encantados”, essas cidades de jurema são os lugares da presença do arbusto e que em torno dele se realizam os ritos do catimbó. Como nos sugere Salles (2004): “As cidades da jurema são lugares sagrados e, como tais, constituem uma ruptura na homogeneidade do espaço, demarcando, assim, uma geografia sagrada.” (p. 112). As “cidades da jurema ou dos encantados” estão assim, para os juremeiros, como espaços diferenciados dos demais, de ligação entre o mundo dos vivos e o dos mortos, entre o mundo da realidade e o mundo dos encantados.

Até a década de 1970, quando ainda era forte a presença do culto da jurema em Alhandra, o sociólogo René Vandezande mapeou dez “cidades de jurema” nesta localidade, são elas: cidade do Major do Dias, Maria do Acais, Mestre Zezinho, Mestra Maria Arcanja, Cidade de Mocinha, Mestra Tandá, Mestre Cadete, Mestra Isabel, Mestre Flósculo e Cidade de Tambaba. Essa geografia do sagrado, ou os espaços das chamadas “cidades de jurema”, é invocado sempre pelos juremeiros, a fim de ter seus males curados e seus problemas resolvidos.

Contudo, no contexto atual, nenhuma dessas cidades está de pé, todas foram destruídas, tendo as juremas derrubadas, a última delas foi a de Maria do Acais, que ainda resistiu até o ano de 2008, quando a força da serra elétrica destruiu o lugar mais sagrado para os juremeiros, desta destruição ocorreu logo depois a passeata da paz. Até

2007, as terras do Acais pertenciam a família Guimarães, descendentes da mestra Maria do Acais. A última moradora da casa de Maria do Acais tinha sido sua neta conhecida por Dorinha, após sua morte no início de 2007, a família já não tinha interesse nas terras, e muito menos em manter a cultura da jurema. O terreno foi vendido, e aos poucos o sítio foi sendo devastado, a casa foi caindo pela ação do tempo e do abandono. Foi então, que percebendo a gradativa destruição do Acais que os juremeiros de João Pessoa e do Recife iniciaram uma mobilização em defesa da jurema de Alhandra e do Acais, uma das principais ações realizadas por eles foi a passeata da paz, relatada no início deste artigo. Porém, alguns dias depois da realização desta passeata, aconteceu a destruição total das juremas e da casa de Maria do Acais, como nos relata uma juremeira desolada por esta ação:

A destruição do Acais, aquilo foi um assassinato, assassinato a cultura e a tradição, foi um crime ambiental, porque nas terras que vivia lá quietinha sem ninguém mexer, juremeiro ia lá fazia suas oferendas e tal, de repente porque a moça a herdeira aceitou o evangelho resolveu vender ela [...] eu acho eu fui lá, eu vi, o Acais antes em junho de 2008 houve uma passeata chegamos lá tava tudo limpo, a casa de Maria do Acais tava erguida só às paredes externas não tinha teto, mas, mas foi obra da natureza, mas o restante das coisas estavam lá, no dia dos pais 10 de agosto do mesmo ano, quando eu cheguei lá, com os irmãos de Natal, os irmãos juremeiros e fomos fazer as oferendas entramos, fomos atrás da igreja no tumulto do mestre floscolo, quando eu me virei que olhei, eu disse: eu to no lugar errado cadê a casa? Cadê as arvores? Ai parei, olhei, eu digo: não é aqui, ai vi os restos dos tijolos da casa eu atravesssei aquela rua, aquela BR que se viesse um carro tinha me pegado né, porque não vi nada, não vi ninguém, eu fui lá pra ver se era realmente o que eu estava vendo, constatar, e tinham acabado de derrubar arvores, arvores com mais de cem anos, quando eu digo que é um crime ambiental porque árvore com mais de dez anos não é pra ser derrubada e árvore com mais de cem anos foram derrubadas, tava uns toco de 30 a 50 centímetros de altura, ainda molhado, sinais visíveis de que foi cortado com serra, restos ainda de madeira dos troncos, tudo revirado, da um desanimo que eu fui com as oferendas pra fazer e fiz, encima do toco do que era uma arvore centenária, eu fiz minhas oferendas, eu chorei, eu pedi e me comprometi com toda ciência do Acais que eu ia fazer de tudo pra reerguer aquilo tudo ali, mais é como eu disse: uma andorinha só não faz verão! [...] eu digo em todo canto, foi um crime ambiental, foi um assassinato na ciência, assassinaram nossa ciência, destruíram tudo, só que destruíram as árvores, os pontos, a ciência continua lá, é tanto que antes de botarem o portão que hoje esta com um muro e um portão, tava só na cerca, eu afastei entrei fui lá dentro, eu senti que a ciência ta viva ali dentro, então vale ainda se lutar por aquilo ali. (M. J., 2010)

A jurema tombou. Pela ação humana, com uso de uma serra elétrica, a natureza sagrada foi destruída, deixando os juremeiros desprotegidos, desorientados, um dos últimos lugares sagrados para os juremeiros foi devastado, um crime ambiental e um

crime contra a fé de um povo, como podemos perceber na revoltosa fala da juremeira. A destruição das cidades sagradas da jurema em Alhandra é resultado do crescente descaso sofrido pelo culto na cidade. Se no passado a árvore era sagrada a ponto de ser proibida a sua derrubada, até mesmo para se retirar uma folha era preciso ter licença dos encantados, hoje em dia não, ela virou uma árvore qualquer, ou melhor, uma árvore que significa um passado a ser esquecido, pois agora representa o mal. E este mal precisa ser arrancado pela raiz.

Segundo Geertz (1978, p. 114), os símbolos religiosos criam uma ordem no enfrentamento do caos, tendo os seres humanos uma dependência grande em relação aos símbolos e aos sistemas simbólicos, esta dependência está em tal grau que determina a viabilidade ou não de sua própria existência como criatura. A destruição súbita deste sistema de símbolos cria uma dificuldade no ser humano para enfrentar o caos. É isso que podemos concluir com a destruição do maior símbolo dos juremeiros, a jurema do Acais, o desespero da juremeira diante da destruição demonstra isso, ela se pega sem saber o que fazer, se sente impotente, tendo que fazer suas oferendas não mais diante da árvore sagrada, mas de um toco do que foi antes o maior símbolo de sua fé.

Diante da jurema tombada, destruída, os juremeiros continuam sua luta pelo Acais, começam a articular o tombamento do Acais, um Pai de santo de João Pessoa, que se intitula o guardião da jurema sagrada, presidente da FCP UMCANJU (Federação cultural paraibana de Umbanda, Candomblé e Jurema) que tinha sido o organizador da passeata da paz, nos diz o seguinte sobre este processo de tombamento:

Eu passei em Alhandra e vi que, que estava tendo o desmatamento do sítio, então quando surgiu à idéia do tombamento, fomos ao IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba) e lá já tinha o pedido de tombamento, expedida pela Sociedade Yorubana (do Rio de Janeiro), onde nenhum paraibano sabia, nem o próprio povo de Alhandra, ninguém sabia desse pedido, e isso me revoltou, isso me revoltou, depois eu vou chegar que foi é pela sociedade de Yorubana, que eu gosto muito de Eduardo Fonseca, que no tempo creio eu que era o coordenador, o presidente (da sociedade Yorubana), e hoje quem é a presidente é a esposa dele a Josi. Então o que, que acontece, quando descobri esse tombamento, esse pedido de tombamento me revoltei, por ser paraibano e não sabia, até então a federação já estava constituída. Então nós fomos, analisei todo o processo disse não, esse tombamento só vai ser possível se os juremeiros forem para as ruas, então daí foi quando comecei a articular em todos os terreiros, fazendo reunião, andando, do gasto próprio, batalhando, buscando, conscientizando as pessoas e consegui fazer a passeata da Paz, que na passeata da Paz nos acompanhou Kleber Moreira que é um dos conselheiros do IPHAEP e foi quem nos deu a maior força para que isso chegasse até então ao conselho, se esse pedido de tombamento estava lá desde 2007, tava um documento lá no IPHAEP, porque

até então ninguém sabia o que era jurema, e ninguém, e nem sabe o valor que aquilo tinha, aquele sítio, então só foi possível através da manifestação dos juremeiros da Paraíba presidida pela a FCP UMCANJU, na minha responsabilidade porque eu sou o diretor presidente, nós estamos como co-autores nesse pedido, a FCP UMCANJU, só tem a sociedade Yorubana e nós, mais ninguém. Hoje estamos na luta o que, que aconteceu? Foi quando a gente foi pra rua, fizemos passeata, houve o problema na casa de Nina, a respeito daquelas árvores de jurema que os parentes queriam arrancar, nós estamos com ela hoje nessa luta, o terreiro hoje é filiado a federação, e daí então houve a passeata e houve articulação, houve reuniões na minha casa, aqui no meu terreiro, com Kleber Moreira, com, Sandro Guimarães, com a Nina, com a Josi, e com outras pessoas mais de Alhandra, porque eu não faço nada jamais em Alhandra sem o consentimento do povo de Alhandra, né? Já estive em reunião com Renato Mendes, também o prefeito de Alhandra, né? A qual dessa passeata da vitória ele deu uma ajudar também, até porque eu acho que nem os políticos de Alhandra sabem o que significa o Acais, que o Acais hoje é tido como uma referencia mundial sobre jurema sagrada, e daí houve o tombamento, foi aprovado, foi unânime o tombamento num é, e surgiu a idéia da passeata da vitoria e depois dessa passeata da vitoria, chegamos ao Palácio da Redenção onde o governador assina o tombamento do sitio do Acais, já foi assinado então o documento ta comigo, já foi assinado.

Embora o pedido de tombamento do Acais já existisse junto ao IPHAEP desde 2007, como afirmou o presidente da FCP UMCANJU, tendo sido autor do processo a Sociedade Yorubana Teológica de Cultura Afro-brasileira, uma sociedade de defesa da cultura afro-indígena do Rio de Janeiro, um impulso maior só teria acontecido quando os juremeiros da Paraíba se mobilizaram, em passeata pelas ruas de Alhandra, onde a FCP UMCANJU teria tido uma participação central, tornando-se co-autora do processo de tombamento do Acais.

No dia 30 de setembro de 2009 foi aprovado o tombamento do Sítio Acais, como foi noticiado no Jornal da Paraíba de 03 de outubro de 2009, cuja manchete da reportagem dizia: “Solo Sagrado da Jurema: IPHAEP aprova tombamento do Sítio Acais”. Vejamos um trecho da reportagem:

O conselho deliberativo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico aprovou esta semana, por unanimidade, o tombamento do Sítio Acais “solo sagrado da jurema”, localizado no município de Alhandra. Na área, há décadas, a cultura indígena e afro-brasileira – especialmente o ritual da jurema – vem resistindo á ação dos homens. “É a primeira vez que a Paraíba realiza um tombamento assim. É um momento histórico, com importância para todo o Brasil”, afirmou Damião Cavalcanti, diretor do IPHAEP... (caderno cidades, p. 4)

Depois da jurema do Acais ter tombado, ter sido destruída, ela é tombada como patrimônio histórico do Estado da Paraíba, sem dúvidas, um marco para história do Estado que até então só tinha tombado prédios ligados a igreja católica. Os juremeiros comemoraram muito, porém algumas perguntas podem ser feitas agora: o que significa tomar uma coisa que já não mais existe? Afinal a jurema que foi tombada em 30 de setembro de 2009, já não existe desde junho de 2008. O que será feito agora? Mesmo que se replante a jurema, ela terá o mesmo significado? São perguntas que ainda não possuem respostas.

Porém, para os juremeiros ao que parece a vitória já veio, e que a identidade de cidade jurema de Alhandra já está garantida para o futuro, isso ficou evidenciado em 15 de novembro de 2009, quando novamente as ruas de Alhandra foram invadidas pelos juremeiros, que desta vez intitularam sua caminhada de “passeata da vitória”, em comemoração ao tombamento do Acais.

Contudo, passado alguns meses do tombamento do Acais, relata uma juremeira que o Acais está pior do que antes do tombamento, agora tem muro e cadeado. Com muita tristeza ela desabafa:

Eu não entendi, realmente eu não entendi, não entendi o motivo daquela passeata da vitória, porque antes da passeata tava só a cerca, depois da passeata tem um muro, um portão e um cadeado, eles fizeram uma passeata com a vitória, pode ter sido a vitória da aprovação do projeto, mais num foi a vitória do tombamento como colocaram a vitória do tombamento, como eu disse enquanto não tiver no diário oficial e uma placa fixada pra mim ainda não foi tombado, o pessoal tem muito o que fazer. Primeiro porque o dono das terras, o atual dono das terras ele ainda pode entrar na justiça com um recurso pra reaver as terras dele, ele tem três chances, e se ninguém fizer nada ele pode muito bem recorrer, aí a passeata foi pra que? Bom, quiseram fazer uma passeata fizeram uma passeata, eu soube que foi muito bonito, eu não fui... (M. J.)

Como tratamos de uma história do presente, não temos como fechar esta narrativa histórica com muitas conclusões, apenas algumas reflexões sobre a história recente de uma cidade, Alhandra, que figura dentro deste conflito identitário-religioso, de afirmação e rejeição do simbolismo sagrado da jurema, de uma árvore que não existe mais e mesmo assim foi tombada. Mas uma coisa é certa, a população de Alhandra, em parte considerável, não parece interessada neste tombamento e na preservação deste espaço, como podemos perceber em relatos já mostrados anteriormente. Fica então este

conflito entre os defensores da jurema como o símbolo sagrado e os que a querem destruída e apagada da história e da identidade do povo alhandrense.

## Referências

ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. **Reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006. (p. 123)

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura (documentário da vida rural nº 9), 1956.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

MELO, Josemir Camilo de. **O resgate da História indígena na Paraíba**. Notas para uma pesquisa etnohistoriográfica. Ed. EDUFAL, 1999. (p. 195 -219).

NASCIMENTO, Marco Tromboni de S. **O tronco da jurema: ritual e etnicidade entre os povos indígenas do Nordeste – o caso Kiriri**. Salvador, UFBA, Dissertação de Mestrado em sociologia, 1994.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

SALLES, Sandro Guimarães de. **À sombra da jurema: a tradição dos mestres juremeiros na umbanda de Alhandra**. Revista *Anthropológicas*, ano 8, volume 15, 2004 ( p. 99-122).

VANDEZANDE, René. **Catimbó**. Dissertação de mestrado. Recife: UFPE. 1975